

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
N°18. Año 7. Agosto-Noviembre 2015. Argentina. ISSN: 1852-8759. pp. 31-41.

O desconforto da copresença: uma análise goffmaniana e kouryana das interações cotidianas no bairro do Varjão/Rangel

The discomfort of co-presence: a goffmanian and kouryan analysis of daily interactions in the neighborhood of Varjão/Rangel

Raoni Borges Barbosa*

Universidade Federal da Paraíba Programa de Pós-Graduação em Antropologia / Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

raoniborgesb@gmail.com

Resumo:

Esta comunicação pretende abordar alguns aspectos dos esquemas conceituais goffmaniano e kouryano, enquanto ferramentas teórico-metodológicas, para a discussão da experiência etnográfica acumulada em um bairro periférico da cidade de João Pessoa, Paraíba. Neste sentido, as interações cotidianas de vizinhos, amigos e parentes do bairro do Varjão/Rangel, caracterizadas por uma intensa copresença, pela identidade ambígua e ambivalente do morador do bairro, e por uma pressão estigmatizante e moralizadora por parte da sociabilidade excludente e hierarquizante da cidade de João Pessoa, são analisados com base, entre outros, nos conceitos de footing, encaixe, quadros de experiência, como também de confiança, medos corriqueiros, vergonha cotidiana e ressentimento. Trata-se, assim, de um esforço analítico situado no âmbito da Antropologia das Emoções em um recorte simbólico-interacionista, cuja proposta teórico-metodológica objetiva compreender, partindo das emoções enquanto categoria analítica central para a problematização da tensão indivíduo – sociedade, questões pertinentes à sociabilidade, à cultura emotiva e aos códigos moralidades de um espaço interacional dado.

Palavras-Chaves: Goffman; Koury; Copresença; Emoções; Vergonha cotidiana.

Abstract:

This paper aims to discuss some aspects of the goffmanian and kouryanian conceptual schemes while theoretical and methodological tools for the discussion of ethnographic experience accumulated in a suburb of the city of João Pessoa, Paraíba, Brazil. In this sense, the everyday interactions of neighbors, friends and relatives in the neighborhood of Varjão/Rangel, which is characterized by intense co-presence, by the ambiguous and ambivalent identity of the neighborhood resident, and by a stigmatizing and moralizing pressure from the excluding and hierarchical sociability city of João Pessoa, are analyzed, among others, based on the concepts of footing, embedding, frames of experience, but also on the concepts of trust, everyday fears, daily shame and resentment. It is thus an analytical effort situated within the Anthropology of Emotions in a symbolic-interactionist perspective, whose theoretical and methodological proposal aims to be understood, based on the emotions as a central analytical category for the questioning of the individual – society tension, of relevant issues of sociability, and of the emotional culture and morals codes from an specific interactional space.

Keywords: Goffman; Koury, Co-presence; Emotions; Daily shame.

* Doutorando em antropologia pela Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções da Universidade Federal da Paraíba.

O desconforto da copresença: uma análise goffmaniana e kouryana das interações cotidianas no bairro do Varjão/Rangel

Introdução

Este artigo busca fazer uma breve análise de algumas situações registradas em diário de campo sobre a experiência etnográfica acumulada em um bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba. Trata-se do bairro do Varjão/Rangel, localizado na parte central da cidade, e que abriga uma população considerável de um pouco mais de 17 mil moradores em um território relativamente pequeno e cercado por bairros de classe média.

A denominação Varjão/Rangel tem o sentido de expressar a ambiguidade verificada quanto ao nome oficial do bairro, Varjão, segundo a LEI n. 1574, de 04 de setembro de 1998, da Câmara Municipal da Cidade de João Pessoa, Paraíba, e Rangel, nome usual e reconhecido pela própria cidade em geral e pelos moradores. Varjão e Rangel denotam duas formas distintas de apreensão do local: o termo Rangel marca uma pertença identitária, enquanto que Varjão é percebido como signo de estigma (Koury, 2014).

O Varjão/Rangel, ambiente tido no imaginário da cidade e de seus próprios moradores como sujo, violento e perigoso, se caracteriza por esta identidade coletiva ambígua e ambivalente, ora Varjão, ora Rangel. Identidade esta que manifesta a tensão com que cada morador do bairro lida cotidianamente ao exercitar o sentimento de pertença em relação àquela sociabilidade.

A identidade Varjão aciona sinalizações estigmatizantes, enquanto que a identidade Rangel aparece na fala dos moradores e nas narrativas de significação do lugar enquanto espaço de memórias e histórias partilhadas, bem como de projetos individuais e coletivos que buscam uma integração simbólica com o ethos modernizante com que a cidade de João Pessoa busca se definir.

A noção de lugar, nesta argumentação, aparece como “[...] campos de comunicação e não como pontos no espaço físico” (Trajano, 2010: 249). Trata-se, assim, de como o sentimento de pertença está vinculado intrinsecamente ao local no qual o indivíduo social exerce o jogo comunicacional cotidiano em que se insere como ator social. Neste sentido, Koury (2003) utilizando a nomenclatura meadiana, define a importância do local para a teia de sentidos que norteia as ações individuais em uma coletividade dada: “O lugar do *nós*, assim, é o caldo comum dos diversos mapas estabelecidos pelos sujeitos na sua permanente configuração, enquanto pessoa social, como *mim*” (Koury, 2003:79).

O Varjão/Rangel, enquanto lugar deste Nós Relacional aqui pesquisado enquanto cultura emotiva, códigos de moralidade e sociabilidade urbana específicos, é visto também de uma perspectiva histórica. Cabe enfatizar, neste sentido, que a cidade de João Pessoa vem passando por um processo acelerado de modernização forçada desde a década de 1970, quando projetos habitacionais significativos redesenharam mais enfaticamente a paisagem humana e urbana da capital paraibana.

Este processo de crescimento da malha urbana foi acompanhado pela ocupação de bairros como o do Varjão/Rangel por redes homofílicas de solidariedade baseadas na vizinhança e no parentesco. Os novos moradores recebiam, como ainda hoje acontece, suporte oferecido pelas famílias e pela vizinhança que, articulados em rede construam um espaço de interações pautado na lealdade e na intensa pessoalidade. Este arranjo interacional se reflete no cenário urbano do Varjão/Rangel, gerando redes de interdependência caracterizadas pela solidariedade e conflito sempre latentes, bastando a ocorrência de insultos morais banais para que a violência irrompa nas relações entre vizinhos, amigos e irmãos.

A transformação acelerada da cidade em um espaço de estranhos e de constante estranhamento, ou seja, em um cenário de desconhecidos, muito embora física e socialmente próximos, e de desconhecidos vindos de longe, onde o medo do outro e da violência se manifesta nas técnicas corporais, nas disposições arquitetônicas das casas, prédios e avenidas, na mídia nativa e nos discursos dos habitantes da cidade, apresenta uma forte tendência para a privatização das emoções (Koury, 2003a). Tendência esta que contrasta com a cultura emotiva do bairro popular como o aqui trabalhado, onde a pessoalidade intensa se manifesta ainda de forma evidente nas redes de solidariedade entre vizinhos e parentes. Contraste que gera tensões na relação do bairro com a cidade e consigo próprio.

Koury (2005a) coloca da seguinte forma o que vem sucedendo na cidade de João Pessoa, principalmente a partir década de 1970: “O processo recente de crescimento modificou os hábitos e costumes da cidade. As relações estreitas de vizinhança, o compadrio, o conhecimento vicinal, a confiança no outro, – por conhecer sua origem familiar,– o bucolismo, decantados por vários cronistas da cidade até os anos setenta do século passado (Rodríguez, 1994; Inácio, 1987; Medeiros, 1994), foram quebradas” (Koury, 2005a: 6).

A inflação da população urbana, bem como o disciplinamento da mesma mediante a segmentação do espaço urbano sob o signo do medo do outro que provinha das regiões interioranas do país (Koury, 2005), produziu, no caso específico da capital paraibana, uma cidade visivelmente fragmentada em áreas periféricas, em contraste com lugares tradicionais mais elitizados. Essa hierarquia no interior da cidade de João Pessoa assume contornos simbólicos e materiais bem evidentes, de modo que o discurso e a imagem que os moradores construíram sobre cada área pode se generalizar e homogeneizar rapidamente por toda a cidade.

Os bairros do Cristo Redentor e de Água Fria, bairros vizinhos ao Varjão/Rangel, surgem neste contexto de acomodação de contingentes populacionais expressivos que chegavam à cidade de João Pessoa. O que implicou, por seu turno, a configuração espacial e simbólica do bairro do Varjão e, concomitantemente, a luta de seus moradores para ressignificá-lo como Rangel, ou seja, como espaço societal integrado à lógica modernizante da cidade que passava a também

orientar às ações dos moradores da área conhecida como Varjão.

É neste cenário de disputas morais cotidianas entre os moradores do bairro do Varjão/Rangel consigo mesmo e com a cidade de João Pessoa que a cultura emotiva e as dinâmicas interacionais no Varjão/Rangel são analisadas a partir de um recorte etnográfico. Para tanto, o pesquisador esteve em campo durante quase dois anos na condição de morador atípico de um residencial no bairro. A expressão, aqui utilizada, demorador atípico tem o sentido de expressar o fato de o pesquisador se encontrar em campo na condição de morador de um residencial com o objetivo explícito de ali observar e participar da vida cotidiana de seus moradores, da vizinhança e do bairro como um todo.

Ter à disposição um lugar específico no campo de pesquisa, a partir do qual se pode organizar um olhar sistemático e de dentro sobre a sociabilidade em estudo, permitiu acompanhar em um recorte temporal as atividades corriqueiras de vários personagens anônimos em sua lida diária, bem como acompanhar os roteiros e circuitos comuns a quem lá reside. Tense, por exemplo, a movimentação dos estudantes nas diversas escolas, a ida às padarias dos moradores do bairro, ao mercado público e às feiras, às igrejas, a ida e a volta do trabalho, os encontros nas calçadas de grupos de senhoras, de jovens e adultos bebendo, ouvindo música ou jogando cartas e dominó, nos postos de saúde, nas casas de artesanato, nas rodas de jogo, futebol, capoeira, nas praças, nos clubes, bares, lanchonetes, no comércio local entre outros.

O pesquisador pode, com isso, melhor perceber alguns atos invisíveis, interditos, segredados, silenciados ao não morador local. Exemplos desses atos encontram-se nas traições conjugais e entre amigos, nas disputas morais e de poder pelos motivos mais banais, nos pequenos ilícitos, nos atos de acobertamento ou de revelação de humilhações cotidianas, no salvaguardar ou desfigurar a face do outro, em linguagem goffmaniana, nos imponderáveis da vida (acidentes, mortes, enfermidades, perdas, gravidez indesejada, desemprego, envelhecimento e etc.) e nas estratégias de administrá-los em conformidade com os códigos de moralidade do Varjão/Rangel, do olhar moralizante para o repertório simbólico do Rangel ou do Varjão, a depender do lugar de fala do morador.

A condição de morador atípico possibilitou ainda ao pesquisador a experiência recorrente de se ver “utilizado” pelo morador local como o terceiro elemento da tríade simmeliana (Simmel, 2013), ou seja, como aquele jogador no intercâmbio interacional que faz a filtragem de queixas, fofocas, intrigas e desentendimentos entre amigos e vizinhos, ora sendo reconhecido como um representante do estado, ora simplesmente como alguém disponível, mas sem o envolvimento emocional e situacional que caracterizaria para Scheff (2013) o vínculo de engolfamento. Este estado de estrangeirice (Pires, 2010), mas também de possibilidades de observação e participação local e situacional em contextos específicos levou à reflexividade sobre o fazer etnográfico e sobre o viver cotidiano do bairro e dos moradores.

Bourdieu (2003), ao refletir sobre a presença do pesquisador no campo desenvolve o conceito de objetificação participante para assim discorrer sobre a reflexividade científica que deve caracterizar uma pesquisa de campo de corte etnográfico. Para o autor, o fazer etnográfico, antropológico e sociológico pressupõem o exercício de controle e distanciamento das pré-noções, bem como o de reflexão sobre as condições de possibilidade da experiência do pesquisador em campo, de modo que estes exercícios de crítica possam redundar em conhecimentos científicos com base na objetificação da subjetividade do cientista social.

Bourdieu, nestes termos, se distancia das propostas de fazer etnográfico como mero exercício autoral sobre a alteridade, em que a produção objetiva de conhecimentos e a própria possibilidade de ciência como esforço de compreensão racional do mundo são relativizados ou mesmo negados. Para Bourdieu, assim como para Simmel e Pires, a análise social implica em uma aproximação controlada, reflexiva, de estranhamento do outro enquanto possibilidade social de configuração de repertórios simbólicos e formas sociais.

A objetificação participante, nas palavras de Bourdieu significa:

Não se tem de escolher entre observação participante, uma imersão necessariamente ficcional em um meio estranho, e o objetivismo da “contemplação à distância” de um observador que permanece tão distante de si próprio como do seu objeto.

A objetificação participante se encarrega de explorar não a “experiência vivida” do sujeito do conhecimento, mas as condições sociais de possibilidade –e, dessa forma, os efeitos e limites– dessa experiência e, mais precisamente, do próprio ato de objetificação. Visa objetivar a relação subjetiva com o próprio objeto, o que, longe de levar a um subjetivismo relativista e mais ou menos anticientífico, é uma das condições da objetividade científica genuína (2003:282) (Tradução livre do autor).¹

Wacquant (2006), na esteira de Bourdieu, recusa entender a etnografia como exercício literário, condenando a “diarydisease”, bem como se nega a reduzir a teoria à poesia. O exercício de reflexividade epistêmica constitui para Wacquant uma das marcas do projeto etnográfico de Bourdieu, que ele define como um “trabalho incessante de dessubjetivação” (Wacquant, 2006:23).

Koury (2014) compartilha da noção de fazer etnográfico como objetificação participante, de modo que advoga uma postura distanciada e reflexiva do antropólogo e etnógrafo em campo. Isto significa, em linhas gerais, que a ida a campo do pesquisador se coloca como oportunidade do exercício crítico do olhar sobre o outro a partir de pressupostos teórico-metodológicos sempre em processo de construção.

A estratégia metodológica do pesquisador em se tornar um morador atípico no bairro do Varjão/Rangel, deste modo, se enquadra na proposta bourdesiana de fazer etnográfico como objetificação participante. Processo no qual o pesquisador interroga e lança hipóteses sobre uma configuração indivíduo e sociedade específica, organizando sua análise daquele contexto social e cultural segundo um olhar compreensivo.

Com base nesta proposta de objetificação participante são narradas e analisadas, logo abaixo, algu-

1 “In short, one does not have to choose between participant observation, a necessarily fictitious immersion in a foreign milieu, and the objectivism of the ‘gaze from afar’ of an observer who remains as remote from himself as from his object. Participant objectivation undertakes to explore not the ‘lived experience’ of the knowing subject but the social conditions of possibility –and therefore the effects and limits– of that experience and, more precisely, of the act of objectivation itself. It aims at objectivizing the subjective relation to the object which, far from leading to a relativistic and more-or-less antiscientific subjectivism, is one of the conditions of genuine scientific objectivity” (Bourdieu 2001:282).

mas breves cenas oportunamente registradas em diário de campo durante o fazer etnográfico. Cenas estas em que se busca enfatizar as noções de medos corriqueiros, confiança, vergonha e ressentimento, caras à antropologia das emoções kouryana, bem como as noções de footing, de arrefecimento e decantação do outro (Goffman, 1998a; 1998b; 2014) e de ritual interacional (Goffman, 2010 e 2012; Giddens, 2013) características da análise goffmaniana.

Cultura emotiva e dinâmicas interacionais no Varjão/Rangel

A observação e análise da sociabilidade do Varjão/Rangel são organizadas pelo pesquisador na tentativa de compreender os medos corriqueiros e a vergonha cotidiana como emoções centrais que estruturam o cotidiano dos moradores enquanto cultura emotiva específica, presente nas dinâmicas interacionais dos moradores. Aqui aparecem os silêncios, segredos, códigos de confiança e confiabilidade, as expectativas projetivas, práticas de evitação e regimes de justificação nos discursos e ações dos moradores como situações analíticas relevantes.

Situações estas preenchidas por tensões que informam em última instância sobre como os moradores constroem sentimentos de pertença como um lugar de fala e de memória individual e coletiva. E sobre como estes mesmos atores sociais vivenciam, também, situações de estigma, humilhação e insulto moral real ou imaginário e se conformam ou resistem às mesmas.

Um ambiente comunicacional de desculpas e acusações, assim, é gerado a cada ato interacional. Estas estratégias de administração das tensões e informações sensíveis dos atores envolvidos nas situações buscam lidar, no caso do universo de pesquisa aqui explorado, com a pluralidade de lógicas societárias de orientação da ação e das emoções dos atores em um espaço interacional estigmatizado e de copresença e pessoalidade intensas, sejam estas referentes à relação da cidade com o bairro, do bairro com os seus moradores e dos moradores para com o bairro e para com a cidade.

As situações aqui apresentadas partem de uma conversa informal com dois vizinhos do residencial em que o morador pode estar presente como morador atípico. A cena transcorre de maneira espontâ-

nea, nos corredores do prédio, em um contexto de tensão e conflito cuidadosamente administrado pelos moradores do residencial, assim que as trocas comunicacionais ali observadas cuidavam em ser feitas sem maiores ruídos e com alusões indiretas aos demais moradores e ao bairro.

Estes moradores, a senhora do 201 e o senhor do 204, podem ser visto como personagens típicos, entre o conjunto dos vizinhos. A senhora do 201, que diz com todo orgulho ser proprietária do imóvel que habita, constrói uma performance de gestora do residencial, tomando para si, por exemplo, a tarefa de dar as boas-vindas aos novos vizinhos, de vigiar o comportamento nos corredores, de fazer pequenas limpezas que oportunamente denunciam a necessidade de cuidados nas áreas comuns, e também de intermediar a relação dos locatários de apartamentos com os proprietários dos mesmos. Além de ser uma das mais antigas moradoras do local, conhecendo e se relacionando com todos os vizinhos do prédio e da rua, esta senhora passa a maior parte do tempo no residencial.

O senhor do 204, por sua vez, é um morador relativamente recente, orgulhoso de ser proprietário de seu apartamento, o qual reformou, e que gosta de dizer a todos que encontra do alto valor ali investido e “do bom e do melhor” utilizado na reforma. É uma pessoa também orgulhosa de sua profissão de pedreiro e de seu curso recém concluído de encanador. Este morador, bastante afirmativo e solidário,² estava sempre a trabalho em várias cidades da Paraíba, mas quando retornava ao residencial, se colocava como sujeito discreto, sempre no interior de seu apartamento, ao lado de sua mulher.

Na conversa informal com estes dois moradores, em um encontro no corredor -logo após um episódio interdito envolvendo um casal que se agredia e que terminou por se mudar do residencial em razão das agressões anônimas que sofrera- se comentava justamente os acidentes e os atritos que ocorriam ultimamente entre os vizinhos. O residencial ainda processava, cognitiva e emocionalmente, a ameaça potencial advinda das agressões anônimas ao patrimônio daqueles vizinhos inoportunos.

² Logo na chegada do pesquisador ao residencial, o morador do 204 se mostrou bastante solícito na ajuda com os pequenos problemas da mudança. Colocou-se, deste modo, várias vezes à disposição do pesquisador, a quem narrava suas histórias de pedreiro nas cidades paraibanas de João Pessoa e Campina Grande.

A insegurança que pairava no ar atingia a todos enquanto suspeitos e também como possíveis vítimas de agressões daquele tipo. A moradora do 201, neste sentido, reagia a essa insegurança generalizada com um discurso de insatisfação com a imagem que alguns dos moradores tinham dela: de pessoa desocupada, de muito tempo livre e que, por isso, se envolvia nos assuntos privados dos demais. Na tentativa de defender-se previamente, ela acusou os vizinhos de serem eles “gente fofoqueira e enxerida”. Que, segundo ela, por despeito, se reuniam na varanda do residencial para a prática habitual da fofoca contra a sua pessoa, ainda que ela não fizesse nada contra ninguém. O que a levava a conjecturar ser ela uma potencial vítima de ações anônimas de vândalos ou de “justiceiros”, fosse de dentro ou de fora do edifício.

Em uma breve síntese de sua classificação das hierarquias e fronteiras invisíveis entre os moradores, como desocupada e sem obrigações sérias, a senhora do apartamento 201 afirmou seu orgulho e sua dignidade como alguém que vive de encomendas de artesanato. Neste momento, a senhora não somente mostrava euforicamente suas pequenas peças de crochê, como também apontava para a sua TV de plasma, que tomava quase toda a parede da sala do seu apartamento, e que para ela significava um símbolo representativo e incontestável de status evidenciado em todo o residencial.

O sentimento de insegurança generalizada, acima descrito, fazia do seu relato um lamento, em que aprecia a um só tempo o orgulho de ser proprietária e pessoa digna, mas também o ressentimento por sentir-se desrespeitada como pessoa moral naquele espaço tão vulnerável por abrigar também “gente de todo o tipo”. Essa mistura de bons e maus era, segundo ela, o problema maior do residencial, naquele momento onde pessoas desqualificadas entravam e saíam depois de curtas temporadas como inquilinos dos apartamentos.

Assim, prosseguia no seu discurso de lamento e de acusação, enfatizando o seu status diferenciado de morador do residencial, mas também a sua frustração de estar “presa” àquela situação. Não fosse o imóvel próprio, dizia ela, já teria deixado o residencial e o bairro do Varjão/Rangel, “porque ali não se tinha mais jeito de melhorar”. Os mesmos vizinhos que perturbavam impertinentemente o seu sossego com fofocas, intrigas, acusações e demandas banais endereçadas ao síndico, eram os mesmos, segundo ela,

que se apresentavam como possíveis suspeitos da insegurança que assustava os moradores do prédio com atos anônimos de vandalismo e de acobertamento de si mesmos. E contrários a um projeto coletivo de harmonia para o residencial.

O morador do apartamento 204, que ouvia amigavelmente, mas fazia questão de demonstrar aprumo e certa impassividade, concordava com a moradora do 201, mas dizia ser tudo uma questão de habilidade social para lidar com os vizinhos que contaminavam o residencial com seus padrões mais baixos de moralidade e cortesia. Assim que afirmou ser o bairro do Varjão/Rangel um lugar bom de morar, bem servido de ônibus e de comércio.

Neste ponto da conversa, a moradora do 201 assentiu, também concordando que o bairro tinha tudo e, de fato, era um bom lugar para se viver, apesar dos vizinhos que se esqueciam de fechar o cadeado da grade de entrada, quando não se davam o trabalho de deixá-la escancarada para todo tipo de coisa acontecer. E mesmo apesar dos engraçadinhos do bairro que de vez em quando faziam das suas contra o patrimônio do residencial e dos moradores.

Este exercício de projetar-se no outro em uma situação de tensão, provocando uma transformação na forma como este outro define a situação em jogo e reorganiza seu discurso, e se adaptando sutilmente ao discurso deste outro, Goffman denomina de *footing*. Nas palavras do autor: “Uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na forma em que conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso *footing* é uma outra forma de falar de uma mudança em nosso enquadre de eventos. (...) os participantes mudam constantemente seus *footing* ao longo de suas falas, sendo estas mudanças uma característica inerente à fala natural” (1998b: 75).

Desde que não mexessem com ele, afirmava o morador do 204, se manteria disposto ao convívio social, demonstrando, em linguagem goffmaniana, uma presença normal e uma deferência para com todos os vizinhos. Aqui se entenda tal disposição para o encaixe na ordem social do residencial como esforço contínuo da desatenção civil, da cegueira diplomática e da segregação de papéis, sem o qual a heterogeneidade de estilos de vida e de identidades não caberia em um ambiente marcado pela desorganização normativa e pela pluralidade de papéis sociais.

Mas, também, cabe frisar, esta mesma disposição para se apresentar publicamente e intercambiar informações e afetos se manifestava no exercício da amizade como confiar e confessar-se ao outro relacional. Processos de cooperação, como a amizade, a dádiva e a solidariedade, em sentido amplo, são, por sua vez, corriqueiros no residencial, contribuindo para dirimir desavenças e estreitar as diferenças entre atores sociais que se entendem como relativamente iguais com relação a questões de poder social e, às vezes, de destino. Assim que o conflito e a solidariedade se mesclavam no cotidiano dos moradores do residencial.

As estratégias de evitação, tais como segregar informações sensíveis sobre o vizinho do lado, ou acordar tacitamente os horários em que cada morador pode legitimamente aparecer na varanda, nos corredores, ou mesmo para jogar o lixo fora, assumem o papel de diminuir o impacto das situações de copresença. Os moradores pretendem, assim, evitar embaraços, constrangimentos e mesmo situações de insulto moral e de quebra de confiança, sempre a ponto de serem desatadas pelas fofocas e intrigas, pelas desculpas e acusações de si e do outro próximo.

Este intenso exercício de cegueira diplomática, ou seja, o “tolerar” situações potencialmente comprometedoras para a linha e para a fachada do ator social, exige de cada morador uma flexibilização não somente utilitarista de suas respectivas normalidades normativas, mas também a elaboração de um discurso de desculpas e acusações bastante criativo. Discurso que permite uma dissociação dos silêncios acusatórios, desde que oportuna, das vinganças anônimas que são interpretadas como operações de restauração da ordem moral.

Nas interações coletivas, o “Nós relacional” deposita no indivíduo a confiança que o permite armar-se de uma coragem além de sua própria unidade psíquica, mas somente enquanto parte de uma figuração social dada. Neste sentido, o arriscar-se, o ter coragem, é fortemente condicionado por sinais de confiança por parte do outro relacional. O disciplinamento social ao qual o indivíduo está submetido em seu processo de nascer para o mundo o predispõe, assim, a práticas sociais relativamente seguras, mas sempre tensionada por riscos e incertezas.

Os sinais de confiança podem, contudo, se tornar ambíguos e ambivalentes em situações sociais

tomadas pela vergonha desgraça e por uma lógica generalizada de desculpas de si e acusações do outro, como se verifica no residencial em todo o bairro do Varjão/Rangel, estigmatizado como sujo, violento e perigoso. As fronteiras e hierarquias simbólicas que marcam as diferenças entre as boas e más pessoas, assim, podem vir a ser invisibilizadas (Hughes, 2013) ou oportunamente manipuladas. Este processo de falência moral se verifica, entre outros, quando segredos de polichinelo (Boltanski, 2012) contaminam a vergonha cotidiana como elemento central de uma sociabilidade ou cultura emotiva, comprometendo o giroscópio moral dos atores sociais em jogo comunicacional.

A quebra de confiança é vivenciada pelo indivíduo quando o giroscópio moral que norteia suas ações cotidianas é traído pelo outro relacional. A vergonha cotidiana, assim é abandonada -enquanto indicador de normalidade nos processos de trocas materiais e simbólicas que compõem os jogos de ação- por um ator que destaca as possibilidades de negociação do bem de si com o bem do outro, de maneira que disputas morais tomam a cena.

A confiança é entendida aqui, então, como o sentimento e o processo moral que aponta para a predisposição do indivíduo de construir e preservar vínculos sociais, apesar de todos os riscos e perigos inerentes. Traz consigo, assim, todas as possibilidades de constrangimento implicados na tensão permanente de um jogo interacional.

O confiar, neste sentido, muito embora pontue uma situação rotineira de normalidade e de solidariedade, está preenchido por segredos, ressentimentos, sentimentos de traição e por imposições hierárquicas continuamente negadas e constantemente negociadas, conforme analisa Koury (2002, 2008). A confiança, deste modo, se alimenta de desculpas cotidianas que suavizem o rigor da moralidade enquanto abstração.

Nesta direção, cenas reiteradas de violência doméstica no residencial por parte de um dos vizinhos foram, conforme relatadas ao pesquisador, classificadas como assunto privado do casal. Muito embora o escândalo se fizesse facilmente audível e também visível, em alguns casos, se preferiu passar por alto este evento que, uma vez levado às autoridades policiais, poderia envergonhar e humilhar todo o residencial.

Muito embora tenha aparecido nas falas dos moradores do residencial a alusão ao silêncio e ao “ignorar oportuno” de casos como este, em que as ações implicadas poderiam ser situadas como ilegais e ilegítimas à luz do ordenamento jurídico brasileiro, mas justificadas no âmbito dos costumes e dos cálculos racionais de boa convivência, se pode registrar um conjunto de pequenos “acidentes” que denotam a reprovação dos moradores em relação ao acontecido. Neste sentido, como comentavam a senhora do 201 e o senhor do 204, ocorreu de o carro do casal em crise doméstica ser atingido por latas de tinta usada, o que chamou bastante atenção dos vizinhos, gerando um clima de constrangimento e de quebra de confiança generalizada, ao mesmo tempo em que provocou um indisfarçado sentimento de “bem feito e merecido”, nunca expresso em palavras, mas insinuado performaticamente com sorrisos e pequenas indiretas.

Esta situação prolongou-se em um segundo episódio, tão anônimo quanto o primeiro, de quebra do vidro dianteiro do carro do mesmo casal. O que motivou a mudança repentina do residencial, alegando a falta de segurança do bairro e do prédio, bem como o descaso dos vizinhos em relação à agressão sofrida, não somente uma agressão patrimonial, mas também sentido como um insulto moral e desencadeador de ressentimentos contra os demais moradores.

A restauração deste sentimento de justiça feita e da moral resgatada, no caso discutido acima, contudo, permanece como um sentimento que vai além deste evento particular e atinge a todos os moradores que se sentem potencialmente ameaçados pelo mesmo tipo de ação restauradora de um sentimento de justiça conduzida de forma anônima. Na conversa do pesquisador com os dois moradores do residencial, por exemplo, aparece de forma evidente e clara como as ações restauradoras do sentimento de justiça são, ao mesmo tempo, pelo anonimato do ato, sentidos como ameaças potenciais a si mesmos e a todo o residencial.³

3 Sahlins (1997), ao analisar o fenômeno da soberania nas sociedades tradicionais ou heróicas, coloca a tese do personagem que encarna a liderança, ou seja, a noção de vontade, em oposição à noção de lei, como um ator social que se situa acima ou fora da sociedade enquanto ordem moral, daí sua condição de onipotência, onisciência e irresponsabilidade moral em relação ao grupo. O que pode ser sentido nas ameaças anônimas como restauradoras de um ideal de justiça, mas que ao mesmo tempo provoca uma situação de pânico moral para todo o ajuntamento onde a situação acontece e que se vê constrangido por uma ação irresponsável.

Ali, naquela conversa, se manifestavam muitas das fronteiras simbólicas entre os moradores, que, em disputas morais silenciosas e discretas, mas bastante agressivas e azeitadas por fofocas e intrigas, se afirmavam enquanto estilos de vida plurais em um ambiente estigmatizado e pessoalizado. Os ajuntamentos no residencial, neste sentido, podiam se mostrar frágeis o bastante, conforme variavam as situações e ocasiões sociais com suas lógicas rituais específicas e seus conteúdos emocionais de medos, vergonha, amizade, raiva, etc. próprios.

O morador do residencial, se pode afirmar do material etnográfico discutido acima, se define e se apresenta como um indivíduo socialmente situado, mas também como um ator social reflexivo e responsável por suas próprias ações, linha e fachada.⁴ Além disso, mostra-se competente o suficiente para localizar a si e ao outro em situações específicas no interior do residencial, tanto quanto no interior do bairro e da cidade.

O medo sempre à espreita de ser capturado pelas redes de fofoca e intriga, ou seja, de ser desfigurado pelo outro e de ter, assim, sua linha e fachada atingidas negativamente, de modo a vir perder a sua reputação como pessoa moral, se apresenta cotidianamente entre os moradores do residencial pesquisado no Varjão/Rangel. Medo este que somente pode ser entendido em relação ao sentimento de pertença do morador para com o bairro, tido como problemático, e com a cidade de João Pessoa com sua lógica excludente e hierarquizante que classifica moralmente seus habitantes conforme a área em que residem.

Os medos corriqueiros, no entender de Koury (2008), constituem uma das principais forças conformadoras do espaço societal, organizando todo o comportamento humano mediante a indução ao autocontrole e à reflexividade. Neste sentido, os medos

4 Giddens (1991, 2002, 2013) em sua teoria sobre a estruturação social e da modernidade, discute a noção goffmaniana de encaixe/desencaixe, postulando que nos espaços interacionais modernos o risco social, nos mais variados formatos, se apresenta de maneira a abolir as certezas sobre o outro. Insiste também na necessidade de reflexibilidade como um movimento não só de controle do risco latente de desencaixe, mas também como uma forma de ler a si mesmo e ao outro relacional, delimitando o campo de suas próprias ações e configurando as linhas e fachadas adequadas ao movimento para o outro e ou, simultaneamente, formulando estratégias de leitura das ações dos outros e de suas montagens de linhas e fachadas como respostas às suas ações ou como ações que devem ser assimiladas ou negadas de formas diretas ou indiretas nas negociações cotidianas em um ajuntamento, ou em uma situação, ou em uma ocasião social.

corriqueiros, nas diversas formas que podem assumir, caracterizam uma moral e uma estética de uma sociabilidade específica, ou seja, ao condicionarem as teias e tramas de conflitos, ambiguidades e contradições, bem como os ideais de ordem e normalidade, construídos pelas subjetividades em jogo comunicacional, perpassam toda uma cultura emotiva e uma organização social dada.

Neste diapasão, Koury (2002, 2007, 2014) argumenta que o estudo dos medos corriqueiros se faz imprescindível para o entendimento da configuração do espaço societal urbano e da vida social do indivíduo nas sociedades ocidentais e brasileira, mais especificamente, para este trabalho, no bairro do Varjão/Rangel, haja vista tratar-se de um bairro popular tido como violento no imaginário dos moradores e da própria cidade. A construção das sociabilidades –os códigos de conhecimento e confiança, de silêncio e discrição, de ordem e desordem, e de estranhamento, as estratégias projetivas individuais e coletivas, o imaginário e as representações sociais, e, ainda, a disciplina, o controle social, o desvio e a violência simbólica– tem no fenômeno social dos medos corriqueiros parte considerável de sua compreensão.

A vergonha, por seu turno, embora uma emoção elementar, só ocorre quando há a socialização do indivíduo, de modo que pode ser canalizada e suprimida pelo imaginário e pelas representações sociais. A alteridade, pois, é o mecanismo social que regula a vergonha a partir do nascer para o mundo do indivíduo. O estudo da vergonha, enquanto emoção central no cotidiano de uma dada cultura emotiva exige o direcionamento do olhar do pesquisador para a configuração das fronteiras e hierarquias visíveis e invisíveis que os atores sociais constroem, no formato de práticas e discursos. O olhar revela, quando direcionado para o oficioso, o encoberto e o segredo, conteúdos sociais fundamentais para o entendimento de um sistema particular de vergonha e orgulho.

O segredo, bem simbólico que funda e preserva o grupo enquanto identidade coletiva, bem como coloca o indivíduo em uma zona de conforto para o “Eu”, constitui elemento de tensão constante nas sociabilidades. A vergonha de ser revelado, de perder o status singular que distancia do estranho e assemelha ao membro do grupo, tanto paralisa as interações sociais quanto as reforça mediante novos mecanismos de controle e vigilância (Koury, 2004).

O segredo, neste sentido, revela uma lógica de semelhança e dessemelhança, de silêncio, discrição e autocontrole no indivíduo e através dele. Lógica esta desenvolvida por atores sociais envolvidos em situações tensionais. Aponta, também, para as hierarquias e fronteiras simbólicas que caracterizam as relações de múltiplos “Eus” em espaços interacionais. Relações múltiplas estas caracterizadas pela desorganização normativa de ordens sociais entrecruzadas, isto é, os atores sociais se veem influenciados por lógicas morais sobrepostas, excludentes, ambíguas e mutáveis conforme a situação.

Os medos corriqueiros e a vergonha cotidiana no bairro do Varjão/Rangel apontam, em linhas gerais, para o desconforto da copresença continuada em situações perpassadas pela intensa personalidade que caracteriza aquele espaço interacional e pelo estigma que a nomeação Varjão traz consigo, contaminando toda a sociabilidade e cultura emotiva do bairro. O personagem anônimo que ali se apresenta como morador processa esta situação de tensão e conflito permanente entre iguais e próximos assumindo um discurso de desculpas e acusações de si e do outro que reitera o seu baixo ou nenhum envolvimento com os demais moradores do bairro.

Assim que são frequentes as falas de não se ter tempo para estar com os vizinhos, ou que somente se está ali de passagem, mas que, de fato, não haveria um sentimento de pertença para com o bairro, tido como elemento desacreditável na composição da face, da linha e da fachada do personagem anônimo do bairro. Discurso este, porém, bastante frágil e reiteradamente negado pelo morador em suas oscilações de amor e ódio para com o Varjão/Rangel, a um só tempo um pesado signo de estigma e gerador de ressentimentos, mas também um lugar de memória, de histórias de vida, de projetos, e de vivência de amizades e afetos. Os exercícios de footing, de arrefecimento e de decantação do outro no sentido de trazê-lo ou afastá-lo do sentimento de pertença em relação ao Varjão/Rangel, conforme vimos na dinâmica interacional entre os vizinhos do 201 e do 204, descrita acima, apontam para este estado de tensão e conflito como marca maior da cultura emotiva do Varjão/Rangel.

Considerações Finais

Este artigo buscou fazer uma breve análise de algumas situações registradas em diário de campo durante o fazer etnográfico, aqui entendido a partir da noção bourdesiana de objetificação participante, sobre a cultura emotiva no bairro do Varjão/Rangel. Para tanto, o material etnográfico foi discutido a partir de uma antropologia das emoções simbólico-interacionista pautada em estudos de Koury e Goffman. As dinâmicas interacionais no bairro e em um residencial em que o pesquisador pode conviver com os moradores do bairro como morador atípico foram, assim, compreendidas como de tensão, conflito e desconforto entre o “Eu” e o “Nós Relacional”, ou seja, entre morador e vizinhos e cidade, em razão da situação de copresença continuada em contextos de pessoalidade intensa e de fortes pressões estigmatizantes sobre a sociabilidade e a identidade dúbia e ambivalente do bairro do Varjão/Rangel, espaço interacional tido como violento, sujo e perigoso e em que não se encontram marcações simbólicas forte e consensual o suficiente para diferenciar as “pessoas boas” das “pessoas más”.

Bibliografia

- BOLTANSKI, Luc (2012) “As dimensões antropológicas do aborto”. *Revista Brasileira de Ciência Política* N° 7, pp. 205-245.
- BOURDIEU, Pierre (2003) “Participant Objectification”. *Journal of Royal Anthropology Institute* Vol. 9, N° 2, pp. 281-294.
- GIDDENS, Anthony (1991) *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- _____ (2002) *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (2013) “Goffman: Um teórico social sistemático” en: Maria Claudia Coelho (org.) *Estudos sobre interação: Textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. pp. 285-327.
- GOFFMAN, Erving. (1998a) *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- _____ (1998b) “Footing”, en: Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez (orgs.), *Sociolinguística interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE Editora. pp. 11-15.
- GOFFMAN, Erving. (2010) *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2012) *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2014) “Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso”. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE—Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* Vol. 13, N° 39, pp. 266-283.
- HUGHES, Everett C. (2013) “As boas pessoas e o trabalho sujo” en: Maria Claudio Coelho (org. e tradução), *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ. pp. 91-108.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2000) *Medos corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes das cidades brasileiras na contemporaneidade*. Projeto de Pesquisa, GREM/DCS/UFPB.
- _____ (2002) “Medos Corriqueiros, vida cotidiana e sociabilidade”. *Política & Trabalho—Revista de Ciências Sociais* N° 18, pp. 9-21.
- _____ (2003) “O local enquanto elemento intrínseco da pertença”, en: Cláudia Leitão (org.), *Gestão Cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste. pp. 75-88.
- _____ (2003a) *Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2004) “Sistema de Nominação, Pertença, Medos Corriqueiros e Controle Social. O uso dos apelidos entre um grupo de jovens da cidade de João Pessoa, Paraíba”. *Campus* Vol. 5, N° 1, pp. 69-91.
- _____ (2005) *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. João Pessoa: Edições GREM / Editora Universitária UFPB.
- _____ (2005a) “Viver a cidade: um estudo sobre pertença e medos”. *RBSE—Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* Vol. 4, N° 11, pp. 148-156.
- _____ (2007) *Sofrimento social—movimentos sociais na Paraíba através da Imprensa, 1964 a 1980*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.

_____ (2008) *De que João Pessoa tem Medo? Uma abordagem em Antropologia das emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.

_____ (2014) "Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade". *Etnográfica* Vol. 18, N°3, pp. 521-549.

PIRES, Álvaro P. (2010) "Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais" en: Jean Poupart et al., *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes. pp. 43-94.

SIMMEL, Georg. (2013) "A tríade", en: Maria Claudio Coelho (org. e tradução), *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ. pp. 45-74.

SAHLINS, Marshall. (1997) *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar.

SCHEFF, Thomas J. (2013) "Vergonha no self e na sociedade". *RBSE—Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* Vol. 12, N° 35, pp. 656-686.

TRAJANO FILHO, Wilson. (2010) "Território e idade: ancoradouros do pertencimento nas manjandadas da Guiné-Bissau" en: Wilson Trajano Filho, *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: ABA Publicações / Ed. Athalaia. pp. 227-257.

WACQUANT, Löic. (2006) "Seguindo Pierre Bourdieu no campo". *Revista Sociologia Política*, Curitiba, N° 26, pp. 13-29.

Citado. BORGES BARBOSA, Raoni (2015) "O desconforto da copresença: uma análise goffmaniana e kouryana das interações cotidianas no bairro do Varjão/Rangel" en *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES*, N°18. Año 7. Agosto-Noviembre 2015. Córdoba. ISSN: 18528759. pp. 31-41. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/361>.

Plazos. Recibido: 08/01/2015. Aceptado: 22/07/2015.